

PONTO e VÍRGULA



Eleonor Pereira, ES de Francisco Franco (Funchal)

DIÁRIO
de Notícias

Os olhos de um diário P.3 É urgente refletir e agir! P.6

editor por um dia



Nádia Ornelas

EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

Sempre gostei muito da arte, em todas as suas formas e conceitos, envolvendo-me em diversas atividades, essencialmente na área da música e da escrita, onde sinto-me muito feliz. Considero-a um refúgio, daí o meu interesse pelo 'Ponto e Vírgula', um projeto que deu asas à minha criatividade e experiência na área da comunicação.

Por essa razão, na minha primeira leitura deste suplemento, imediatamente me saltou aos olhos o trabalho 'Os Olhos de um Diário', da aluna Luana Marques, da ES de Santa Cruz, e destaco a elegância e a força que esta transmite nas páginas do seu diário gráfico, salientando a subjetividade e uma estética que aprecio, ou como Leonardo da Vinci escreveu, «a arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível».

Nunca fui uma pessoa de ficar calada em situações injustas. Frequentemente expressei a minha posição em assuntos que me interessam, como a cultura, a música e as desigualdades sociais.

Daí o meu profundo apoio e interesse pela reportagem 'É urgente refletir e agir' da Eva Xavier, da ES de Francisco Franco, que considero pertinente para nós, jovens que frequentam o ensino secundário, uma vez que toda a instabilidade à volta da avaliação nos provoca alguma incerteza em relação ao futuro, e como o próprio título refere, não é só fundamental refletir, mas também agir!

Ser editor por um dia foi uma oportunidade única, e quero agradecer a todas as pessoas que tornaram este desejo possível.

BOA LEITURA!

FINALmente istas!



Felizmente estava um belo dia de "verão", um bom dia para ser finalista! Os meus pés doíam desde o início do desfile, mas nada abatia o meu entusiasmo.

Chegando ao Centro Cultural John dos Passos, funcionárias distribuíram-nos por turmas e foram necessários dez minutos para que todos estivessem organizados.

Entretanto, tive tempo para acalmar a minha adrenalina e descansar os meus pés, que a essa altura estavam a pedir socorro. Já sabia que a qualquer momento subiria àquele palco para receber um prémio de mérito.

Começaram os discursos. Primeiro a Presidente da Câmara, que nos felicitou. Depois a nossa Presidente do Conselho Executivo, que nos apresentou um discurso emocionante, partindo do aniversário da escola, que celebrava 46 anos, passando pelo seu estado atual e, finalmente, às nossas felicitações.

Seguiu-se o Presidente do Governo Regional que, para além de nos felicitar, nos ofereceu ajuda para resolver uma das insuficiências da escola... o auditório!

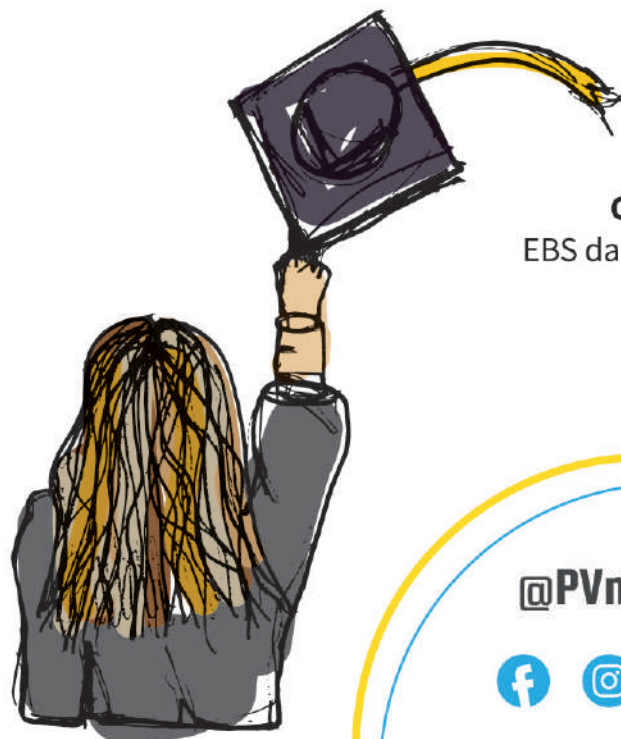
Após os discursos, procedeu-se à entrega de prémios. Crianças/jovens de todos os anos de escolaridade foram detentoras de prémios. O previsto seria entregar três prémios por ano, porém existia empate entre alunos, por isso, foram entregues mais prémios, o que é bom sinal!

Ao terminar, nós, finalistas, fomos em desfile até à igreja, para dar início à cerimónia da Bênção das Capas.

A missa passou a "voar". Quando já tínhamos as capas postas, em alguns momentos, a música parecia ter toques sombrios, assemelhando-nos a um "bando de vampiros", ao *Batman* e aos alunos de *Hogwarts*.

No discurso de despedida, houve uma parte que me "empurrou" e que me fez "cair" na realidade. Esse discurso foi de um membro da Comissão de Finalistas, que foi responsável por ter organizado esse dia tão memorável e icónico:

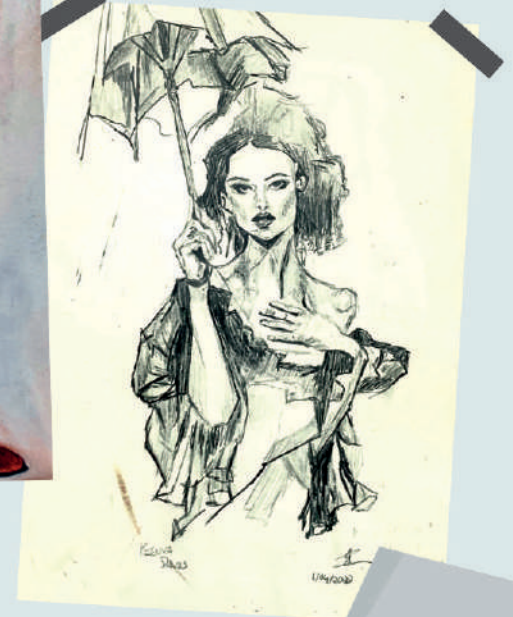
«SOMOS UMA GERAÇÃO QUE ACREDITA QUE O FUTURO NÃO TEM DE SER IGUAL AO PASSADO E, MAIS DO QUE SORTE, O FUTURO PRECISA DE ATITUDE. E ACREDITO QUE SIM, SOMOS A GERAÇÃO QUE VAI MUDAR O FUTURO PARA MELHOR.»



Cláudia Teles
EBS da Ponta do Sol

@PVnaEscola





Os olhos de um diário

Luana Marques
EBS de Santa Cruz



Uma viagem marcante

Era já madrugada de domingo quando aterrámos no aeroporto de Katowice, Polónia. Depois de uma curta viagem de autocarro, pudemos conhecer os nossos *hosts*. O meu era um rapaz com uma família muito acolhedora. A preocupação pelo meu conforto e bem-estar foi incessante e nunca conseguirei agradecer o suficiente.

Passei o dia com a família de Julian, depois de termos ido buscar o Georgis, que também ficou connosco, vindo da Grécia. Fomos até um deserto próximo, em que a areia abundante não parecia condizer com o clima gélido e a neve que derretia nas bermas da estrada. Aí, fizemos tudo o que alguém que nunca viu neve faria e seguimos viagem. Chegámos a um lago em que os cisnes e os patos selvagens nadavam em redor das pessoas que se aventuravam a entrar na água gelada. Depois, regressámos a casa e divertimo-nos com jogos de tabuleiro e cartas, para nos conhecermos mais uns aos outros.

Na segunda-feira, acordámos cedo, ainda os telhados estavam brancos da neve caída nas horas anteriores. Lidar com um clima frio nunca é fácil, principalmente para quem não está habituado, mas dentro da escola dos *hosts*, na qual passámos a maior parte do dia, podíamos estar confortáveis com apenas uma camada de roupa. Organizaram-nos uma cerimónia de boas-vindas, um convívio

e *workshops* sobre *Self-management* (como gerir o tempo e a rotina de modo mais saudável e eficiente). Ao entardecer, fomos ao mercado em Katowice, onde pudemos provar doces locais, beber chocolate quente e andar na roda gigante. Nesta altura, já sem os professores, andámos em grupo, *hosts* e jovens de Espanha, Finlândia, Grécia, Itália e, claro, Portugal, pela cidade e por um parque, em Dabrowa Gornicza, após termos ido ao *bowling*.

A manhã do terceiro dia foi passada numa palestra com o tema 'O *stress*'. Aprendemos, de forma lúdica e prática, como controlar melhor as nossas emoções e pensamentos negativos. Depois do almoço, fizemos uma viagem de autocarro até uma instituição de artesanato que usava a madeira de uma árvore nativa para criar pequenas decorações. Depois visitámos um museu de arte moderna e adorei observar as obras que fugiam ao vulgar, ou melhor, pareciam rejeitá-lo.

O quarto dia foi cansativo, mas muito divertido. Chegámos cedo às Minas de Sal de Wieliczka, Património da Humanidade, para descermos quatro andares abaixo do solo. Destaco as explicações históricas do guia e os monumentos que, incrivelmente, estavam construídos nas paredes de pedra de sal. De tarde, brindaram-nos com uma visita guiada a alguns dos monumentos principais de

Krakow, a segunda maior cidade do país. Perto do rio, erguia-se uma cidade antiga, colorida, com um castelo que já fora residência da família real.

O quinto dia foi o que mais me marcou – visitámos o campo de concentração de Auschwitz. Sabia que ia ser uma experiência com uma pesada carga negativa. Toda a história do local, e do Holocausto em geral, foi-nos explicada com evidências explícitas e com todo o respeito que é devido às vítimas. Devo realçar, contudo, que é sempre enriquecedor ver com os nossos próprios olhos estes lugares, para melhor sentirmos e compreendermos as ocorrências históricas que infelizmente sucederam e que não se podem repetir. Na manhã de sexta houve um festival de culturas na escola, em tom de cerimónia de despedida, onde cada grupo apresentou uma dança ou música tradicional do seu país. Foi-me dada a oportunidade única de visitar um país tão diferente e imergir na vida quotidiana de quem lá vive: os hábitos, os costumes, os modos de falar... Enfim, viver uma experiência muito mais completa do que um turista comum poderia. Tornou-se na viagem mais marcante e desafiante que alguma vez vivi.

Ana Maria Barros
ES de Jaime Moniz (Funchal)



CARTÃO DE EMBARQUE

DE MAD FUNCHAL PARA POL SOSNOWIEC

DURAÇÃO

7 DIAS



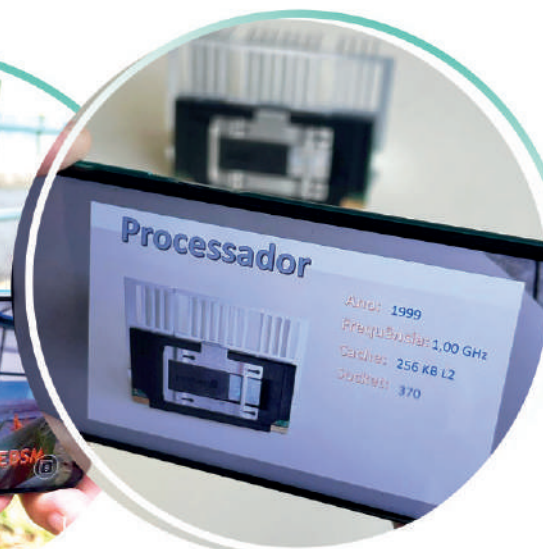
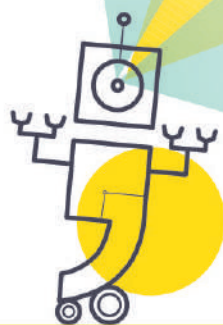


O Clube das tecnologias e a realidade aumentada

O Clube das Tecnologias da Escola Básica e Secundária de Machico, além de permitir aos alunos o uso dos recursos disponíveis na sala do futuro, desperta-os para a utilização das novas tecnologias, criando ambientes de aprendizagem em que os alunos são levados a pesquisar e a utilizar diferentes aplicações para criar inúmeros trabalhos com um elevado nível de aplicabilidade diária. Numa das sessões do clube foi dada a oportunidade aos alunos de aprenderem mais sobre o Eyejack, *software* de realidade aumentada que nos permite acrescentar elementos virtuais à realidade que nos rodeia. Informações extra são apresentadas pela aplicação quando apontamos a câmara do nosso telemóvel para um determinado assunto. A tecnologia de realidade aumentada é muito popular em jogos, no entanto, também é aplicada aos campos da medicina, militar, educação e navegação.

Porque não a utilizarmos em toda a escola e não só no clube? Fica aqui a sugestão!

Francisco Costa
EBS de Machico



Cibersegurança, o que é?

Cibersegurança é a prática que protege redes, sistemas e outras infraestruturas digitais contra ataques maliciosos, dividindo-se em: segurança de rede, de aplicativos e informações; segurança operacional; recuperação de desastres e continuidade de negócios; educação do utilizador final.

Os métodos mais comuns utilizados nas ameaças em rede são: *Malware* e *Phishing*.

É cada vez mais importante a implementação de práticas de Cibersegurança. É essencial simplificar os termos usados ao falarmos com crianças e jovens sobre o assunto e na transmissão de boas práticas. Esta consciencialização dá-se nas escolas com projetos como a SeguraNet, sensibilizando para a utilização correta das TIC, promovendo a navegação segura pela internet. No nosso dia a dia é simples tentarmos-nos proteger através da adoção de *passwords* seguras, conhecendo as bases para distinguir sites fiáveis, utilizar antivírus e ter atenção a todo o tipo de *download*.

Somos uma geração ligada em rede, contudo não nos podemos esquecer que, apesar de estarmos no sossego da nossa casa, as ameaças são reais e chegam das mais diversas formas a todo o momento. Se tens dúvidas em relação a algo que julgas ser uma ameaça, pede ajuda a um adulto e informa-te melhor em: www.seguranet.pt

Tomás Abreu
EBS D.^a Lucinda Andrade (São Vicente)

grande ideia

CONCURSO ESCOLAR

Se és aluno do secundário, participa na tua escola!





As cartas que te escrevi

Dia sereno, é sexta feira
Um pássaro voou p'rá minha beira,
E lembrei-me de ti,
E das cartas que te escrevi.

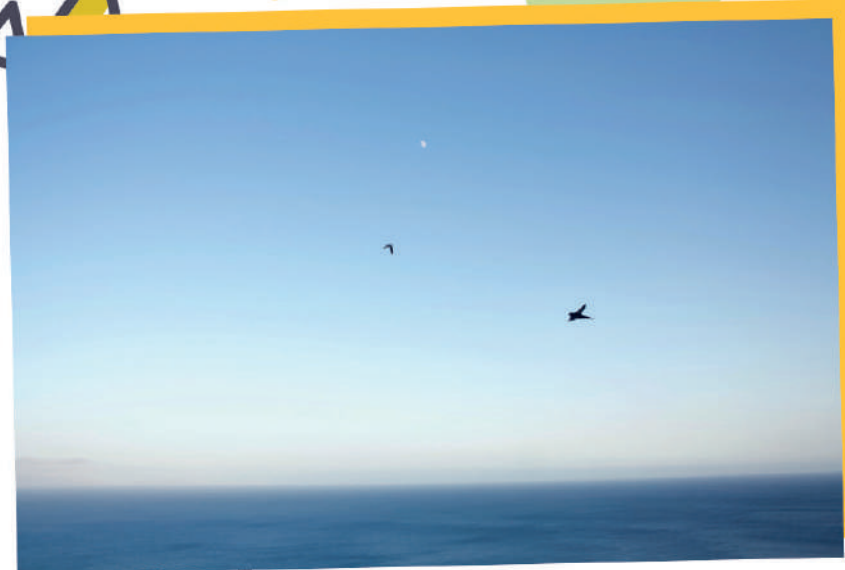
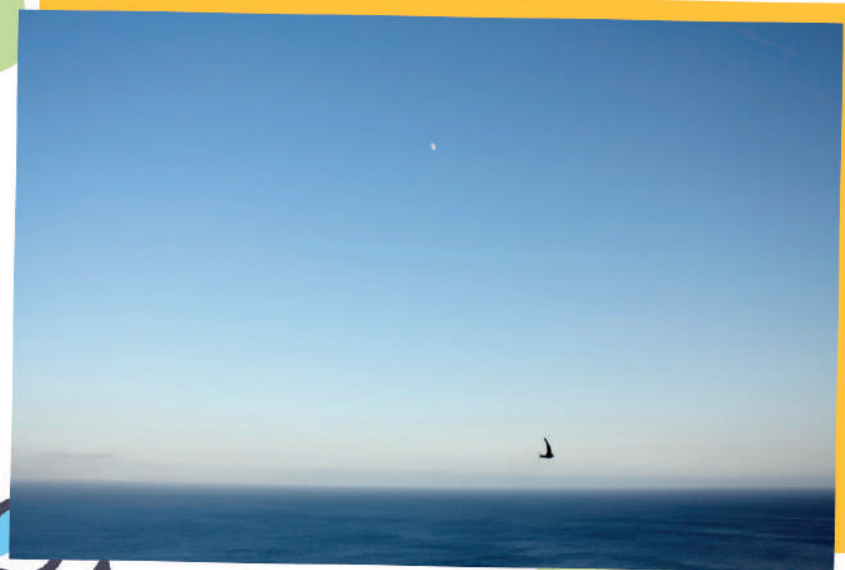
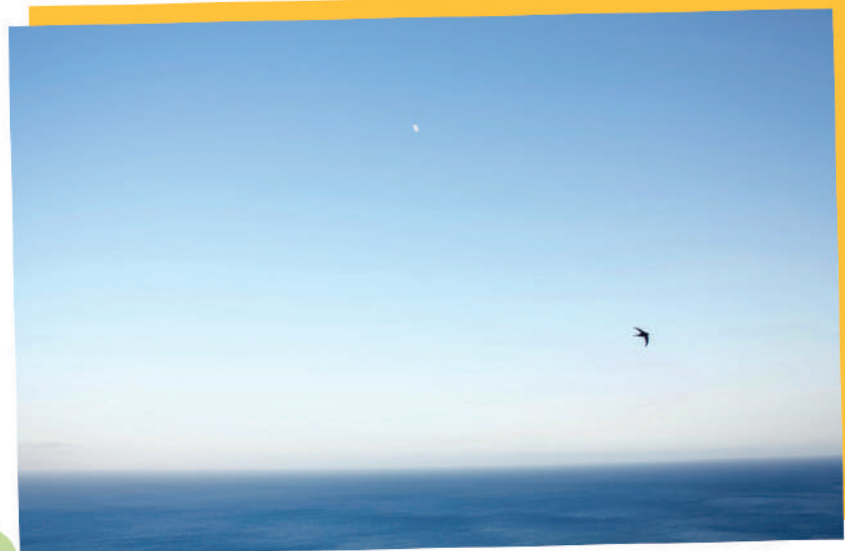
Tinhas um sorriso tão doce e sincero,
Mãos macias como a seda,
Que escondias nos teus cabelos encaracolados
E... coravas.

Mas, tu não estavas bem,
Não sorrias da mesma forma,
Eu quis ajudar...
Mas não valeu a pena.

Tal e qual pássaro,
Decidiste voar...
Oh, quanto chorei ao teu lado!
Mas, já nada sentias....

Foi aí que vi,
Que me tinhas abandonado,
Ficando ali, derrotada,
Com as cartas que te escrevi.

Fas(e)es da Lua



Érica Gama
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)

Luana Marques
EBS de Santa Cruz



Quem eram os Setimanistas?

Na Ilha da Madeira, a célebre *Bênção das Capas* dedica-se aos alunos que frequentam o 12.º ano e estão prestes a terminar o ensino secundário. Esta tradição foi iniciada em 1889, através de um privilégio concedido pelo Ministro do Reino ao único liceu que existia na Madeira, a atual Escola Secundária de Jaime Moniz. A autorização foi concedida através de um despacho de 09/02/1889, emitido pela Direção Geral de Instrução Pública. Devido à importância que lhe foi atribuída ao longo do tempo, esta tradição foi sendo adotada por outros estabelecimentos de ensino na região e manteve-se até aos dias de hoje.

Estes alunos eram designados *Setimanistas*, porque a sua cerimónia era celebrada no antigo 7.º ano (que corresponde ao atual 11.º ano de escolaridade). Isso deve-se ao facto de, na época, o 7.º ano ser o fim do percurso escolar. Com o passar do tempo, a designação dos anos letivos alterou-se, houve mudanças no percurso escolar, estendeu-se até ao 12.º ano e começou a ser frequentado por cada vez mais alunos, mas as cerimónias mantiveram-se, durante muitos anos, no 11.º ano, mantendo a designação de *Setimanistas*. Só a partir de 1995, a cerimónia passou a realizar-se no 12.º ano, a designação *Setimanistas* foi caindo em desuso e passou, gradualmente, para *Finalistas*.

Setimanistas ou *Finalistas*, a cerimónia mantém-se: inicia-se com um cortejo da escola até à igreja, onde é celebrada uma missa e se dá a *Bênção das Capas*. Este nome vem das capas pretas que os estudantes levam aos ombros e que são abençoadas pelo sacerdote.

Continua a ser uma cerimónia que reúne familiares e amigos e um momento marcante na vida escolar. É o culminar de doze anos de escola, momento ansiado por muitos alunos. Representa uma passagem para uma nova etapa em que se abrem novos caminhos e horizontes... um novo caminho por construir.

Carlos Silva
ES de Jaime Moniz (Funchal)



Asas cortadas



Ana Júlia Jardim
EBS/PE da Calheta



O testemunho de «um marco notável»

Era uma sexta-feira. Acordei bem cedo e no meu calendário tinha destacado, com um círculo, o dia que começava a despontar – 1 de outubro de 1976 – há precisamente um ano. Pendurado num cabide estava o meu fato azul-escuro, com a minha camisa branca e a gravata às riscas. De sapatos bem engraxados, saí à rua para documentar a posse do I Governo Regional da Madeira!

Estava um dia magnífico. Não sei se era o sol que me acompanhava, enquanto passava pela Chapelaria Inglesa na Rua da Carreira, ou a euforia e o sentimento de poder e liberdade que se faziam sentir. Com o meu lápis e o bloco de notas, dirigi-me ao Palácio de S. Lourenço. A azáfama era imensa. Centenas de pessoas prontas para testemunharem o momento. Dirigi-me à entrada:

- A sua identificação? – indagou o homem autoritário que controlava a entrada.
- Santiago Fernandes, jornalista do Diário de Notícias da Madeira. – apressei-me a responder, estendendo o meu bilhete de identidade e carteira profissional.
- Pode entrar! – retorquiu. Entrei no maravilhoso salão nobre que acolhia dezenas de pessoas ligadas aos vários sectores da atividade local.

Espelhos dourados, papel adamacado que cobria as paredes e candelabros com cristais transmitiam uma solenidade e opulência que raramente tinha presenciado.

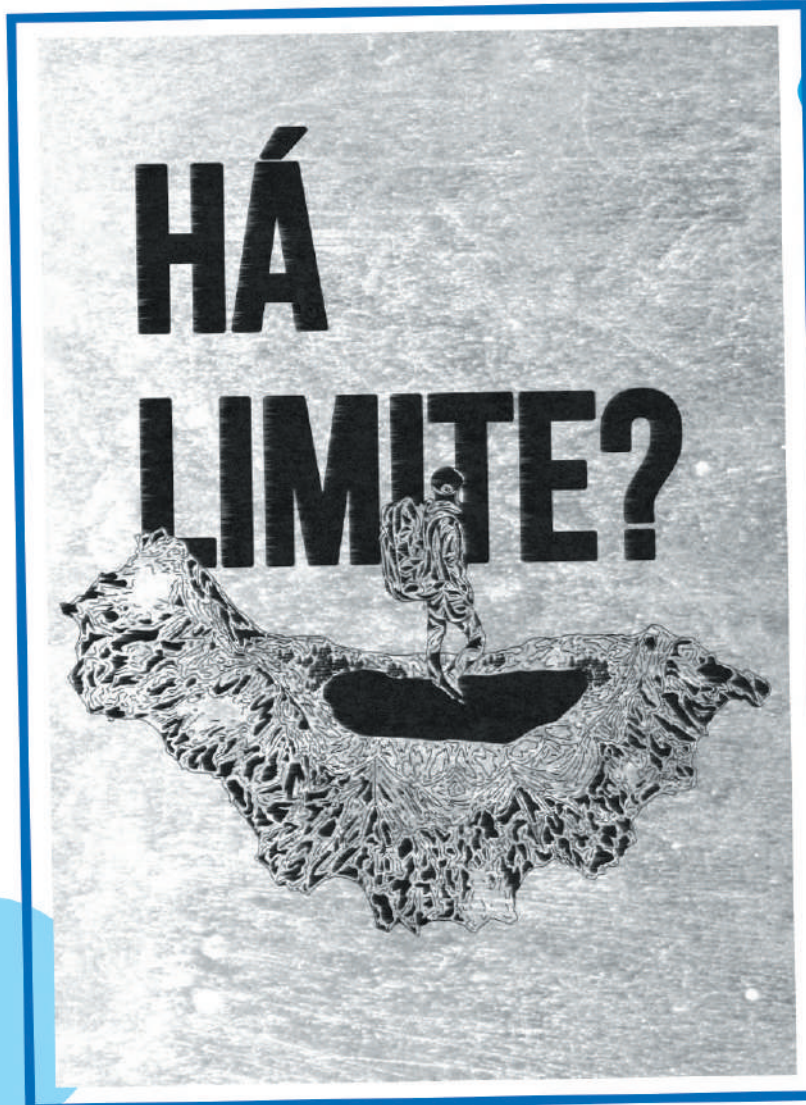
Os flashes das máquinas fotográficas eram incessantes, bem como o burburinho que se fazia sentir. De repente, fez-se silêncio. Perante os assistentes, claramente orgulhosos, estavam os Secretários do I Governo Regional: Manuel Alegria; Manuel Marques; Jorge Mendonça; Gonçalo Araújo; José Camacho, e, numa posição de destaque, com centenas de olhos postos em si, Maria Margarida da Costa, a primeira mulher a integrar uma administração madeirense. Todos eles liderados por Jaime Ornelas Camacho que estava prestes a ser o primeiro Presidente da Região Autónoma da Madeira. As entidades oficiais também se fizeram presentes, com destaque para Lino Miguel, Ministro da República, e o presidente da recém-criada Assembleia Regional, o Dr. Emanuel Rodrigues. Os discursos deram lugar às palmas e abraços de júbilo. Todos os presentes se sentiram lisonjeados e emocionados pelo momento histórico que estavam a viver. Os sorrisos eram contagiantes e os sonhos eram muitos. Um novo capítulo

da trajetória política e administrativa, iniciado no dia 30 de abril com a publicação do Estatuto Provisório da RAM, está a ser escrito!

À saída, atravessei a Avenida Zarco e dirigi-me à redação do jornal. Já com tudo aprovado, e enviado para a gráfica, tinha um sentimento de dever cumprido, a par da felicidade pelo facto de ter assistido a «um marco notável», como referiu o coronel Lino Miguel. Em 1976, nem todas as casas tinham televisão. Não obstante, como tinha investido as minhas poupanças para adquirir uma, sabia que iria conseguir ver, a preto e branco, tudo o que presenciaria ao vivo e a cores naquele dia. Pude então assistir, mais uma vez, o nosso primeiro Presidente a declarar, num tom cerimonioso, o que tinha tido a oportunidade de testemunhar algumas horas antes:

- «Eu abaixo-assinado, afirmo solenemente pela minha honra que cumprirei com lealdade as funções que me são confiadas».

Santiago Fernandes
Escola da APEL (Funchal)



ILUSTRAÇÃO

Há limite?

Bia Peixe

EBS/PE/C Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)

Webgrafia

<https://cultura.madeira.gov.pt/palacio-de-sao-lourenco.html>

https://pt.wikipedia.org/wiki/I_Governo_Regional_da_Madeira

https://www.youtube.com/watch?v=CLKBLwykd8g&ab_channel=600anosMadeiraePortoSanto

PT-ABM-COLJOR-DN_19761002.pdf (madeira.gov.pt)



Jaime Ornelas Camacho a discursar na posse do I Governo Regional da Madeira



Recorte da 1.ª página do Diário de Notícias da Madeira -02-10-1976



Adversidades

Prémios
laVie
FUNCHAL
SHOPPING CENTER

Miguel passou o que lhe pareceu a sua vida na Venezuela, país que foi se degradando. Afortunadamente, aos 14 anos, à procura de uma vida e condições mais idóneas, com sua mãe, aportou a uma ilha em Portugal, muito pacífica, a Madeira.

Feitas as mudanças de casa e escola, Miguel seguiu para as aulas e um recomeço de vida, com o objetivo de fazer amigos e integrar-se na turma. Mesmo entendendo minimamente português, sentiu dificuldades por culpa da língua não materna e pela diferença de “andamento” da sala de aula.

Felizmente, com ajuda do Estado, pôde acompanhar os estudos tal como os seus colegas. Por outro lado, a mãe conseguiu emprego num pequeno bar perto da sua escola, adaptando-se rapidamente. Apesar de nem todos os dias serem bons, sentiram-se agradecidos.

Miguel construiu amizades e acompanhou as aulas, com boas notas, e sentiu-se acolhido. Um dia, ao sair da aula de Biologia, Maria, colega de turma, diz-lhe:

- Miguel! Estive a pensar e decidi que é melhor fazermos o trabalho de Matemática em cartolina, é mais fácil para apresentar.

- *Bien pensado.* – respondeu ele – *Fica más fácil!*

Apesar das dificuldades e sem computador, Miguel deu o seu melhor, indo à biblioteca Municipal e tratando a informação disponível.

Maria passou a ser do seu grupo mais íntimo, percebia com facilidade a mistura de línguas, já que sua mãe era venezuelana. Em situações de xenofobia, defendia Miguel, da mesma forma que ele a defendia, pois era vítima de *bullying*, por ter características diferentes.

A situação veio a piorar gravemente com um grupo de colegas nada amistosos. Na apresentação do trabalho, tudo fizeram para o humilhar, dizendo que não compreendiam o que dizia e gozando do sotaque.

Embora a professora tivesse conseguido impor ordem na sala, a situação agravou-se de dia para dia, com acontecimentos cada vez mais graves. Ouvia comentários como «Vens roubar o nosso dinheiro!»; «O governo dá tudo a estes miras e esquecem os daqui!»... a violência subiu

gradualmente e consumia Miguel diariamente. Começou com bilhetes ameaçadores no cacifo, depois com insultos e ofensas, em seguida com beliscões e empurrões, roubos, humilhações, chantagens e, por fim, com a perseguição e *ciberbullying*. Nem em casa conseguia ter paz!

Maria tentava animá-lo, mas eram palavras ao vento e tudo que fazia caía em saco roto. Miguel estava destroçado. Consequentemente, as notas baixaram, a vontade de comer desapareceu e só queria estar de pijama, todo o dia, encolhido na cama, longe da tecnologia, longe de todos, longe de tudo. Só queria desaparecer... ia à escola porque a mãe o obrigava e os professores só ralhavam, incrédulos com a sua mudança. Valeu-lhe que Maria e a mãe não desistiram e contaram à diretora de turma.

Após reunião com a professora, Maria tentou explicar a Miguel que talvez assim tudo voltasse ao normal, mas mostrou-se cético: os docentes já tinham tentado manter a ordem e falharam. Não havia muita coisa a fazer, podia esperar mais dois anos e nunca mais precisava ver nenhum deles. Com este pensamento, Miguel seguiu a sua rotina, mais persistente e focado em ter boas notas. Quanto mais tempo estudasse, menos tempo pensaria na sua situação e nos comentários horríveis que presenciava no quotidiano. Estava tão imerso nesse objetivo que ignorava por completo que o assédio estava a abrandar, quase como se estivessem fartos de “brincar” com ele.

Contudo, foi naquela quarta-feira que tudo cessou de vez. Maria encontrou, com a ajuda de outros amigos, provas que ligavam os responsáveis pelo *bullying* à conta que usavam para persegui-lo *online*. Esta informação foi automaticamente dirigida à direção da escola que, finalmente, os castigou severamente pelas suas ações.

Concluiu o 10.º ano com ótimas notas e, agora, compreende que não está sozinho e que nunca devemos desistir.

Existe sempre uma nova etapa e, com ela, virão tempos melhores.



Marco Magalhães

EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

Rosalinda Macedo

EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)

Inês Pestana

EBS/PE/C do Porto Moniz



A formiga Solmar

Era uma vez
Uma formiga amarela,
Todos à sua volta
Sabiam o quanto era tagarela.

Tão grande ela era
Que nem um carro a levava,
E do sítio de onde viera
Era a que mais praguejava.

Um dia, a formiga
Do nada partiu.
Uns diziam ser por uma briga,
E outros pois que desistiu.

Contudo ninguém sabia,
De facto, a razão;
Da mágoa que sentia
No seu pequenino coração.

A Baratalândia foi o seu destino
Para lá decidiu emigrar.
Lá conheceu o Justino,
E logo foram conversar.

Tanto falaram
Que se desentenderam
E tão zangados ficaram
Que nunca mais conviveram.

Triste e sozinha
A formiga foi embora.
Limçou a sua nova cozinha
E então a sua história melhora.

Andou por tanto tempo
Até que, um dia, parou
Num lugar ao vento
A formiga algo encontrou.

Achou uma enorme cidade amarela:
Com a Abelhândia se deparou
Onde começou a nova novela,
À qual depressa se habituou.

«Eu sou a abelha Luísa,
E eu sou a vespa Raquel.
Uma rouba linguça,
E a outra faz o mel.»

Acolheram tão maravilhosamente
A solitária formiga Solmar
Que esta, de maneira comovente,
Decidiu o resto dos seus dias lá ficar.

Daniela Serrão
EBS D.ª Lucinda Andrade
(São Vicente)



Ilustração de Patrícia Betânia Soares

Da vontade de um homem a ilha se fez



No nosso caminho para África, uma tempestade surgiu repentinamente. Vimo-nos, entre as brumas escuras e incógnitas, distantes da costa e da rota traçada. Estávamos perdidos e desamparados, num mar indómito e desconhecido.

Ao de longe, adensava-se o negrume e o medo crescia, mas uma pequena e milagrosa ilha surgiu do nosso desespero. A ilha estava lá para nos salvar, aquele pedaço de terra foi batizado de Porto Seguro, Porto Santo.

Um ano depois daquela madrugada e da descoberta da ilha santa, eu e os meus companheiros, Tristão Vaz Teixeira e Bartolomeu Perestrelo, chegámos a outra ilha que avistámos dum ponto alto, e que mais tarde designamos de ilha da Madeira: estava coberta de selvagem verdura e, cristalinas e boas águas corriam até à baía ampla e docemente aberta como uma concha vieira, logo vimos matéria-prima para recuperar as naus. Explorámos os vales e logo vimos potencial neste pedaço de terra, devido à sua localização estratégica e abundância de recursos, e assim, seis anos depois, foi-me atribuída a função de povoamento e administração do Funchal pelo Infante D. Henrique.

Em 1425, comecei por trazer a minha esposa, Constança Rodrigues, e os meus filhos. Acompanharam-nos alguns nobres e algumas gentes das Beiras e alguns condenados que viram as suas penas serem alteradas por virem ajudar o povoamento da ilha.

Mandei erguer uma casa na zona ocidental do Funchal, num lugar lindo sobre o mar. Ao redor dela foram-se erguendo outras e logo se formou um pequeno povoado. A minha piedosa esposa ajudou-me imenso na administração da nossa querida ilha e na exploração de alguns recursos naturais, ocupou-se depois das receitas dos moinhos e vendas de sal e sabão, e ainda, orientou a construção da Capela de Santa Catarina. Logo nasceram algumas crianças, ao primeiro varão foi dado o nome de Adão e à primeira menina o de Eva, como se um Paraíso se iniciasse aqui. Logo outros nascimentos foram celebrados e a ilha ganhou mais habitantes e o sentimento de trabalho cumprido encheu-me o coração. Seiscentos anos depois daquela trabalhosa madrugada, a minha querida ilha da Madeira tem escolas e ruas com o meu nome — isso não é o mais importante — e de outros ilustres filhos nossos; milhares de pessoas ficam espantados à frente da minha estátua e sabem que apesar de ser Zargo, fui um homem de visão. Felizmente, constato, do meu posto de vigia, que muitos herdeiros da minha vontade continuam a lutar por uma ilha melhor.

Bibliografia/Webgrafia

PEREIRA (Eduardo C. N.). — ILHAS DE ZARGO. 4ª Edição. Edição da Câmara Municipal do Funchal. 1989;
Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira (1986);
<https://www.madeira600.pt/pt-pt/historia>;
<https://www.visitmadeira.com/pt-pt/a-madeira/historia>
https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Madeira
<https://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/descobrimto-das-ilhas-da-madeira-e-porto-santo/>
<https://madeira.best/guia/factos-madeira/historia-da-ilha-da-madeira>

Jéssica Abreu
EBS Gonçalves Zarco
(Funchal)





Na rua da minha escola há alma

Quando a cidade desperta, todos os caminhos apontam para uma escola que me acolhe. No número 9 da Rua João de Deus, há um passaporte para a sabedoria, a Escola Secundária de Francisco Franco, a viabilizar os ideais de gerações, há 133 anos. O meu olhar perde-se no frenesim da rua que a acolhe e na movimentação dos seus vizinhos. Ruas há muitas, mas esta rua tem a alma de cada jovem que ali deixa a sua pegada.

A toponímia presta homenagem a um mercador do século XV, João de Deus. Por ela entro, amparada por frondosas árvores. Antes de abrir os livros, cruzo-me com uma lição, ao passar pelo Museu Francisco Franco. Ao meu lado, um turista contempla a sua grandeza artística, exclamando, “Que criações divinais!”. Em adição a este manancial cultural, as escadas da minha escola exibem trabalhos daqueles que representarão a arte no futuro. O meu deambular não deixa de cumprimentar o Partido Comunista

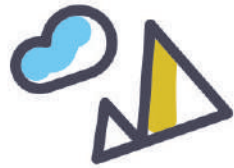
Português, cuja sede se desenha à frente da escola, sendo o partido mais antigo do país, certamente a laborar em ações de defesa dos trabalhadores.

Nos intervalos, há olhares que se enamoram da pastelaria 'Smart', onde dá nas vistas a inflação. «Os preços já não são o que eram!», queixam-se os clientes. Os empregados mostram-se impotentes. Outros preferem o 'Grab & Go', sinal dos novos tempos e do avanço da tecnologia. Até os médicos dentistas acreditam que poderão oferecer belos sorrisos a quem frequenta a 'I'PRO Clinic'. Os nossos vizinhos materializam, numa aula viva, aquilo que os livros nos ensinam, complementando lições que nos oferecem os professores, num diálogo entre a teoria e a realidade. Também não passa despercebida a Secretaria Regional da Inclusão Social e Cidadania a despachar pedidos de “socorro social”. Em tempos de crescimento da mendicidade, um governo inclusivo é crucial. Curioso o

facto de habitar lado a lado com uma escola inclusiva. A rua mostra as feridas de uma sociedade com diferentes velocidades, quando, ao raiar da manhã, algum mendigo dormita no alpendre do Centro de Saúde do Bom Jesus.

Nesta rua desenha-se a nossa escola, procurada por famílias que creem na educação comprometida com a comunidade e não num saber apenas teórico. Esta rua é um livro de linguagens heterogéneas que me dá lições de cidadania. Anos depois, talvez as ruas do nosso quotidiano passem a ser as avenidas das capitais universitárias e do mundo do trabalho. Mas o berço é e continua a ser a Rua João de Deus, uma mãe que nos mostra o horizonte.

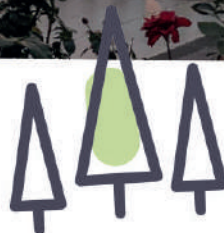
Maria Inês Silva
ES de Francisco Franco
(Funchal)



Paraíso no Atlântico



Natacha Batista
EBS da Ponta do Sol





Poetas

Todos somos poetas,
Fazemos rimas e versos,
Falamos de sentimentos
E também de emoção.
Mas será que o que escrevemos
Vem mesmo do coração?

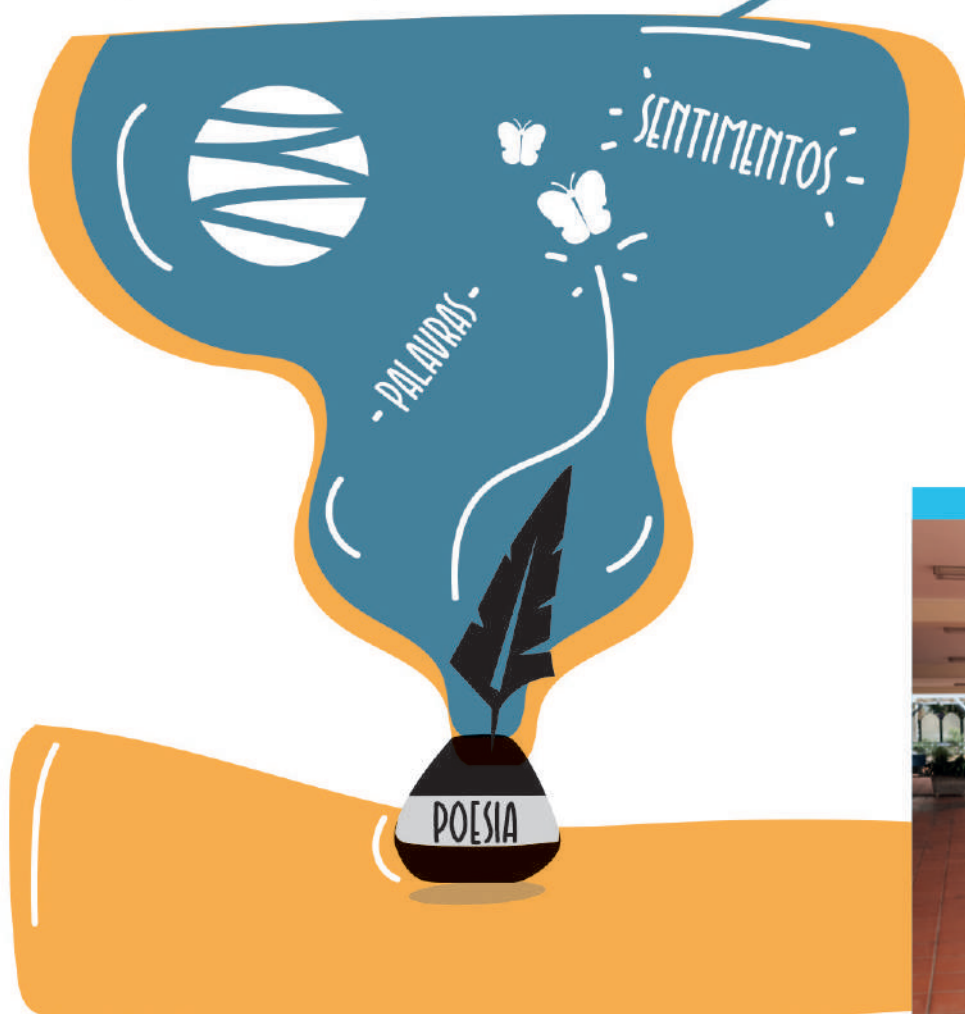
Posso apenas ser poeta?
Tenho de ter uma profissão?
Ser poeta é um orgulho,
É colocar a verdade nas palavras mais banais,
É escrever por linhas tortas
Sentimentos bem reais.

E nos versos que escrevemos,
Damos à vida razão,
Por vezes não entendida.
Que nem ter de ser revelada,
Ser poeta é escrever,
Sobre a alma bem guardada.

Alguém que se torna poeta,
Nunca mais será como dantes,
Será como uma lagarta,
Que em borboleta se transforma,
Voando para toda a vida,
Por entre prados verdejantes.

Daniela Caires

EBS Dr. Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas – Carmo
(Câmara de Lobos)



A multiculturalidade na EBS de Machico

Receber alunos estrangeiros é uma realidade a que a Escola Básica e Secundária de Machico (EBSM) está habituada. Contudo, no presente ano letivo, verificou-se uma enorme afluência de alunos provenientes das mais diversas zonas do globo, mais precisamente de nove nacionalidades diferentes. Os motivos que os trazem até nós são muitos e variados, por isso resolvemos falar com alguns deles e tentar descobrir como está a decorrer a sua integração.

Tivemos a oportunidade de conversar com o Gregory, aluno de 15 anos proveniente da Venezuela. O Gregory teve que abandonar o seu país devido às más condições de vida. A falta de produtos básicos e a escassez da água são algo comum na Venezuela. A sua integração na escola tem sido positiva, foi bem recebido e tem tentado ultrapassar a sua maior dificuldade, o idioma. Revelou-nos também que as escolas no seu país são mais pequenas e que existem escolas somente para cada ciclo. Já o método de ensino na Venezuela não inclui livros, os professores ditam a matéria e os alunos escrevem nos cadernos. Gregory contou-nos que, após terminar a escola, pretende seguir o ensino superior.

À procura de outras experiências falei com o Ilia, ucraniano de 16 anos que saiu do seu país devido à guerra. A sua integração foi diferente. Quando lhe perguntámos se se sentiu bem recebido na escola, contou-nos que, apesar dos professores serem bons e recetivos, ouviu alguns alunos a fazerem piadas sobre o seu país e sobre as explosões que têm vindo a acontecer. «Na Ucrânia as turmas são maiores e existem menos aulas. Já o método de ensino é quase o mesmo», revelou-nos o Ilia. No futuro, ele tem planos de se tornar *designer* de interiores.

Também pudemos falar com duas irmãs gémeas, Camila e Cláudia, de 15 anos vindas da África do Sul. À questão «Que motivos te levaram a abandonar o teu país?», responderam que foi pela falta de oportunidades de acesso ao ensino superior. As alunas foram bem recebidas e revelaram que as suas maiores dificuldades são na ortografia. A escola de onde vieram, somente para raparigas, era muito maior que a EBSM, porém não havia cantina e os alunos tinham que usar farda. O método de ensino varia de acordo com cada disciplina, no entanto, a Cláudia prefere o método da África do Sul. Ambas pretendem seguir para a universidade em Portugal.

Para estes jovens é necessário haver apoio e compreensão por parte de alunos e professores. Tornar as nossas escolas um lugar afetivo para acolher aqueles que precisam é essencial!

Ana Prata
EBS de Machico



Sem título



Sofia dos Ramos

EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)



A Liberdade em tom de verde



Camila Baptista
ES de Francisco Franco
(Funchal)

Jovens da terceira idade

No dia 16 de janeiro de 2023, a minha turma de 11.º ano realizou um projeto de convívio com os idosos do centro de dia de Santana, intitulado 'Jovens da terceira idade'. Já há várias semanas que andávamos a planear este encontro e, felizmente, correu tudo bem, como esperávamos.

Logo à chegada, fomos recebidos com muito carinho e simpatia por parte da geração mais velha e também pelos funcionários daquele estabelecimento. Primeiramente, separámos os idosos em dois grupos. Com o primeiro grupo realizámos uma sessão de perguntas e respostas. Os resultados foram bastante satisfatórios, visto que grande parte dos idosos soube responder às nossas perguntas com interesse e de forma correta. Ao mesmo tempo que decorria este *quizz*, o segundo grupo de idosos jogou ao *bowling* e à petanca, mas sentados, pois tivemos sempre em mente a segurança de todos. O objetivo do *bowling* é deitar todos os pinos ao chão que, neste caso, foram garrafas de plástico, e o da petanca é lançar uma bola

com a finalidade de aproximá-la o mais possível do "alvo". Assim, os participantes também se mostraram bastante divertidos.

Depois destas atividades, proporcionou-se um momento de convívio. Trocámos histórias, aprendemos sobre as suas vidas, os seus interesses, entre outras curiosidades. Também acabámos por jogar às cartas e ao dominó, o que foi bastante divertido e, por fim, dançámos diversas músicas tradicionais. No final, o momento do lanche partilhado envolveu toda a turma, os professores que nos acompanharam, os utentes do lar e os funcionários.

Foi uma experiência muito dinâmica e divertida, visto que tivemos a oportunidade de partilhar o nosso tempo com estes idosos que não recebem muitas visitas e, apesar de não termos tido muito tempo para realizar todas as atividades que tínhamos planeado, fica o registo de uma tarde bastante agradável.

Beatriz Freire

EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)





Os fachos em Machico

O acender dos fachos em Machico tornou-se um evento conhecido de todos ou de pelo menos da maioria da população madeirense. Fiquei a conhecê-lo através de uma reportagem efetuada pela RTP Madeira, em agosto passado. Foi um espetáculo deslumbrante que despertou a minha curiosidade. Diante daquele fogo que iluminava o céu, comecei a pensar em quem faria todo aquele trabalho e como o fariam? Em conversa com uma colega a quem relatei o que havia visto, manifestei a minha curiosidade em saber mais sobre esta tradição secular e ela sugeriu-me que falasse com uma das nossas professoras que é natural de Machico.

Se bem o pensei, melhor o fiz. Falei com a professora, expus-lhe o assunto e perguntei-lhe se se lembrava deste evento. Ela sorriu e começou por contar que havia saído há muito de lá, mas que me iria descrever quais eram os procedimentos na sua época.

Cada sítio tinha o seu próprio grupo, sim, porque cada sítio desenhava nas rochas sobranceiras o seu próprio modelo. O dela era um barco, como são quase todos numa clara alusão ao mar; exceção para o sítio da “Ladeira”, vereda íngreme que vai do centro de Machico até ao miradouro de Água de Pena, e para o do Piquinho, que era o mais recente na época e o único eletrificado, e que simboliza um cálice sagrado.

A partir de março, o grupo solicitava a todos os residentes que guardassem roupas, lençóis velhos, entre outros, que em julho passariam a recolhê-los. Em

seguida, o grupo entretinha-se a cortá-los em tiras e a fazer bolas. Nas vésperas da realização do evento, que coincide com a celebração da festa do Santíssimo Sacramento, no último fim de semana de agosto, o grupo levava as bolas de tecido para a encosta junto ao seu barco.

Entretanto, já tinham recolhido óleo velho das embarcações e de outras origens, com o qual ensopariam as bolas que cobririam totalmente os contornos do respetivo barco. À noite, no sábado, acendiam os grandes archotes e incendiavam-nas, pelas nove horas. Disse-me também que, quando era pequena, gostava de subir à “rocha” para ver de perto os preparativos e participar da “festa”, porque tudo era feito com muita alegria e animação. Tudo tinha de ser muito bem feito, pois os sítios rivalizavam entre si, na visibilidade e durabilidade do contorno integral do barco, sinónimos de bom trabalho. Referiu a curiosidade do grupo da Misericórdia que, quando acabava de acender todas as bolas, descia com as tochas ainda acesas, numa correria para o mar, onde tomava banho. Finalizou, acrescentando que hoje mais sítios juntaram-se ao evento, contribuindo para a beleza das encostas que envolvem o vale de Machico naquele dia.

Eu satisfiz a minha curiosidade e quis partilhá-la com todos os leitores do ‘Ponto e Vírgula’.

Guilherme Henriques

EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)



É urgente refletir e agir!

Nós, alunos do ensino português, temos sido bombardeados com notícias sobre as candidaturas ao ensino superior neste último mês. Desde os contingentes até aos exames que serão obrigatórios, muitas são as mudanças anunciadas num tão curto período.

Por isso mesmo, a minha turma, conjuntamente com a professora de filosofia, pôs as mãos à obra e colocou a liberdade de expressão, em conjunto com as técnicas de argumentação dadas em aula, em devido uso. Assim, lançámos uma petição à Assembleia da República a pedir uma reflexão consciente acerca do novo sistema de candidatura à universidade com base em quatro exames, tendo um deles de ser obrigatoriamente o de português. Com certeza que reconhecemos todo o empenho colocado na educação, fator vital para o desenvolvimento do país, e na língua materna, sem a qual não poderíamos comunicar, nem eu poderia ter escrito este texto. Mas estas medidas vão muito além disso.

Para este pedido, baseamo-nos, então, em fatores como todo o trabalho e empenho envolvido, que poderão trazer efeitos na saúde mental dos alunos, a nível de ansiedade e stress, e a diminuir a sua produtividade, por exemplo; o facto do sistema de ensino ter como fator de controlo os exames, minimizando o valor dos três anos de árduo trabalho dos alunos e dos respetivos professores, e também o próprio valor do aluno como pessoa, ao ser apenas uma nota no papel, ao contrário do que acontece em países como a Dinamarca; a disciplina de português não estar concebida tendo em conta as nossas necessidades de curso e para o futuro no mercado do trabalho, propondo, também, uma revisão nesse sentido.

Com isso, resumimos os nossos argumentos a uma simples frase: “Priorizar a saúde e a pessoa deve fazer parte das finalidades de um estado.”

Reflitam sobre esta questão e se se identificarem com ela, não tenham medo de se expressar, pratiquem este vosso direito e deem voz aos vossos desejos. Quer seja *online*, quer seja em papel, quer seja apenas mostrando aos outros, divulguem esta causa e ajudem-nos a mudar algo que irá prejudicar todos se avançar.

Eva Xavier

ES de Francisco Franco
(Funchal)



Um jovem cientista pela europa

Olá, caros leitores! Convidámos o aluno da nossa escola, **Lucas Dória**, que frequenta o 11.º ano para uma entrevista. Ele e o **Tiago Vieira**, agora estudante universitário, representaram Portugal na 33.ª Edição do Concurso da UE para Jovens Cientistas (EUCYs) na Holanda, com o projeto 'Utilização da pasta celulósica da bananeira para a remoção de mioplásticos de águas contaminadas'.



Como tomaste conhecimento do concurso?

Tomei conhecimento do projeto através da professora Ângela Morais. Ela inscreveu o nosso projeto e ficámos em 3.º lugar a nível nacional. Posteriormente, conseguimos a oportunidade de representar Portugal a nível europeu.

De onde surgiu a ideia de usar a pasta celulósica da bananeira para a remoção de microplásticos?

No 'Clube Eco-Paper' produzimos papel a partir da pasta celulósica da bananeira. O processo passa por cortar o pseudocaule da bananeira, cozer e triturar, até formar a pasta celulósica, da qual produzimos o papel. Até que um dia pensámos; por que não utilizar o nosso papel como um biofiltro para a remoção de microplásticos?

Quais as etapas do projeto?

Neste projeto foram produzidos biofiltros a partir da polpa celulósica do pseudocaule da bananeira com diferentes massas e biofiltros nano modificados com soluções

de cianobactérias, microalgas e exopolímeros bacterianos. Foi estudada a eficiência de diferentes biofiltros para a remoção de microplásticos, utilizando uma lupa binocular com luz LED e UV, um microscópio de fluorescência e citometria de fluxo. Deste modo, concluímos que biofiltros à base de polpa de banana são ecotecnologias viáveis para a descontaminação de efluentes contaminados por microplásticos.

Do ponto de vista académico, pessoal e científico, como é que achas que esta atividade te ajudou?

Já estava no 'Clube Eco-Paper' e depois acabei por também integrar este projeto. Não tinha ideia do quão complexo seria, mas poder fazer parte deste projeto foi incrível. Além disso, o EUCYs permite-nos conhecer uma enorme variedade de projetos, desde o ambiente, até à medicina, matemática, engenharia, bioquímica... A nível pessoal, foi uma experiência inesquecível e enriquecedora. Pude conhecer pessoas de várias culturas, que no fundo estavam ali todas reunidas com o mesmo

propósito, a ciência!

Achas que a vossa descoberta tem potencial para ser algo revolucionário, capaz de melhorar o mundo?

Acredito que sim! Agora estamos a desenvolver um projeto em que aplicamos o biofiltro nas ETARs, impedindo, assim, a passagem dos microplásticos para os oceanos.

Que concorrência encontraram na Holanda? Que outros projetos interessantes gostarias de destacar?

Para mim, o projeto mais interessante é o de 'Análise de perfis genéticos cancerosos com redes neurais artificiais', que consiste numa tentativa de revolucionar o diagnóstico de cancro combinando duas das mais recentes inovações da ciência: a inteligência artificial e o sequenciamento genético.

João Pedro Câmara e Eduarda Teixeira

EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)



Projeto Erasmus+ do Clube Simão Gonçalves da Câmara

O projeto Erasmus+ 'Go Green', iniciado em janeiro de 2022, tem promovido atividades tanto na nossa escola como nas escolas dos outros países envolvidos: Espanha, Suécia, onde foi realizada a primeira mobilidade deste projeto, e Bélgica, que acolheu a segunda mobilidade em Turnhout, uma cidade situada no norte do país. Antes do início das atividades, nós, os alunos portugueses, conhecemos um pouco da capital, Bruxelas. Orientados pelas nossas professoras, visitámos a belíssima praça central, 'Grand Place', o emblemático monumento 'Atomium', bem como a sede do Parlamento Europeu, entre outros locais.

Durante a nossa estadia em Turnhout, fomos muito bem acolhidos nas casas das famílias belgas. Juntamente com

os nossos colegas suecos, belgas e espanhóis, realizámos trabalhos no âmbito das energias renováveis, ficando a conhecer os tipos de energias renováveis existentes em cada um dos países parceiros, assim como os respetivos prós e contras. Criámos ainda um carregador solar para o nosso telemóvel, utilizando assim a energia de uma forma mais sustentável.

Estamos muito gratos por esta experiência única, promovida pelo Erasmus+, um programa enriquecedor para o exercício de uma cidadania europeia assente em valores como a inclusão e a tolerância.

Inês Maciel
EBS/PE da Calheta



Como é representar um país?

Neste mês, entrevistámos dois atletas que são alunos da Escola da APEL, para conhecer um pouco da sua experiência no desporto e na representação de seleções, neste caso de futebol. A **Leonor Barreto**, que é guarda-redes na seleção portuguesa, e o **Lucas Von Hellens**, que representa a seleção da Finlândia. São apenas dois de entre muitos atletas desta Escola, associados a desportos como: esgrima, judo, squash, ciclismo, andebol, ténis de mesa e outros.



O que vos fez escolher esta modalidade, o que vos cativa em especial?

- **Leonor** – Jogo futebol desde muito nova, pelo que me habituei à modalidade, que é importante para mim.
- **Lucas** – Como a minha família sempre esteve ligada ao desporto, pratico desde muito cedo. Antes de surgir a opção do futebol, o meu pai inscreveu-me no atletismo, mas não o pratiquei durante muito tempo, pois corria à volta de um campo de futebol e só olhava para o campo; então fui para o futebol e desde então tenho jogado.

O que sentiram quando o vosso talento foi reconhecido fora da região, ao jogarem em seleções?

- **Leonor** – Ao jogar pela seleção portuguesa, senti ainda mais vontade de treinar e continuar a estudar, de modo a poder contribuir para que o meu futuro seja melhor.
- **Lucas** – É um motivo de orgulho e um incentivo extra para continuar, pois, ao jogar pela seleção da Finlândia, o trabalho é reconhecido.

O que te levou a optar pela seleção da

Finlândia, podendo estar a jogar pela seleção portuguesa?

- **Lucas** – A família do meu pai é finlandesa, tenho dupla nacionalidade, e logo que essa oportunidade surgiu, aceitei. Apesar de ser uma opção jogar na seleção portuguesa, caso me convoquem, acho que a seleção da Finlândia dá-me mais possibilidades para o futuro.

Como é fazer parte de uma equipa com grande renome?

- **Leonor** – Sentimos em conjunto as nossas vitórias, mas também as derrotas e temos orgulho uns pelos outros, qualquer que seja a conquista.
- **Lucas** – Somos unidos e incentivamo-nos uns aos outros, tendo o mesmo objetivo.

Como conseguem conciliar o desporto com os estudos?

- **Leonor** – É difícil, mas quando tenho algum tempo livre, o que nem sempre acontece, é de muito valor para mim. Se estou muito ocupada com a escola e com muito para fazer, quando jogo futebol, sinto-me mais tranquila, o que torna tudo mais fácil.
- **Lucas** – Acho que é um pouco difícil

conciliar, pois tenho de viajar para reunir com a seleção, ficando fora pelo menos durante uma semana, e por isso tenho de faltar à escola e não assisto a algumas aulas. Mas quem tem força de vontade consegue.

Sentem que o vosso futuro passará sempre pelo futebol?

- **Leonor** – Sim, talvez possa tentar outra opção. Mas quero continuar enquanto conseguir. Futuramente, pretendo continuar a ter a oportunidade de representar o país.
- **Lucas** – Sinto o mesmo. No futuro, quero progredir e evoluir no futebol, com o objetivo de chegar ao profissional.

Acreditam que ainda têm muito para dar, podendo até ser uma promessa do futebol?

- **Leonor** – Acredito que sim, pois tanto eu, como qualquer um de nós, com trabalho, conseguimos.
- **Lucas** – Só o tempo dirá.



Francisca Barbosa e Margarida Lemos Escola da APEL (Funchal)



HERDEIRAS DO SEU TEMPO, UM TEXTO INOVADOR E CRIATIVO

O artigo '**Jovens alinhados com o seu tempo**', da autoria das alunas **Inês Silva** e **Jéssica Câmara**, da **ES de Francisco Franco**, foi o trabalho distinguido como vencedor do 'Prémio + Criatividade' da edição de janeiro do 'Ponto e Vírgula'.

Todos os meses o trabalho mais criativo do PV é premiado. Sendo a escolha da responsabilidade do Gabinete do Secretário Regional de Educação, Ciência e Tecnologia, garantiu às duas alunas um **voucher** no valor de **30 euros**, com o **patrocínio do CC La Vie Funchal**.

Este é o teu tempo, participa no PV e o próximo '+ Criatividade' pode ser teu! Informa-te na tua escola!

